

com o despejo de derivados de petróleo nas águas e a suspensão de sedimentos do fundo do mar. "Essa movimentação acabaria interferindo na entrada do sol e prejudicaria a fotossíntese das algas, comprometendo toda a cadeia alimentar", prevê. Além disso, a construção da marina colocaria em risco a maricultura e a segurança de banhistas. Não seria mais tão tranqüila uma expedição de caiaque como esta. "Se essa marina for construída, nosso sossego vai acabar", resume seu Orlando.

A população local também se adapta a alguns casos da prefeitura. Não há coleta seletiva de lixo, nem barcos disponíveis para transporte público. Fretar um barco até Paraty chega a custar 100 reais – um absurdo para quem vive com um salário mínimo.

Por outro lado, há muitos trabalhos bem-sucedidos, vindos das ONGs e da própria comunidade formada de nativos e amigos. "Mamanguá foi eleito pelo Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas) como o artesanato mais autêntico do litoral fluminense", orgu-

lha-se Luiz Pontual, artista paulista que vive há 35 anos na região e já se considera caiçara. Em nosso último dia de viagem, nos encantamos com um grupo de 15 crianças que acompanhava, atento, a oficina de cestaria de taquara, coordenada por ele. Outro trabalho bem-sucedido é o da ONG Ibens, que organizou e inseriu famílias caiçaras no mercado de maricultura, ensinando algumas delas a cultivar ostras de maneira sustentável.

No Mamanguá não há eletricidade, transporte regular ou coleta de lixo. Mas alguns projetos estão devolvendo à região o orgulho caiçara

Para os que trabalham com os habitantes do Saco do Mamanguá, nada é mais gratificante do que perceber a mudança no modo de pensar caiçara. Não se ouve mais ninguém querendo ir embora. E é cada vez mais comum encontrar figuras satisfeitas da vida, como seu Dico. Com uma mão no peito, outra equilibrando uma pilha de pedaços de caixeta, o artesão declara em bom tom: "Agora eu tenho orgulho de ser caiçara".

